



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

KÉSSIA ALEXANDRE CORREIA

**EDUCAÇÃO MUSICAL, COGNIÇÃO E PRIMEIRA INFÂNCIA: algumas reflexões
a partir da pesquisa bibliográfica**

RECIFE

2024

KÉSSIA ALEXANDRE CORREIA

**EDUCAÇÃO MUSICAL, COGNIÇÃO E PRIMEIRA INFÂNCIA: algumas reflexões
a partir da pesquisa bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Klesia Garcia Andrade.

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Correia, Késsia Alexandre.

Educação musical, cognição e primeira infância: algumas reflexões a partir da
pesquisa bibliográfica / Késsia Alexandre Correia. - Recife, 2024.

32 p.

Orientador(a): Klesia Garcia Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Música - Licenciatura, 2024.

1. educação musical. 2. desenvolvimento cognitivo. 3. primeira infância. I.
Andrade, Klesia Garcia. (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

KÉSSIA ALEXANDRE CORREIA

**EDUCAÇÃO MUSICAL, COGNIÇÃO E PRIMEIRA INFÂNCIA: algumas reflexões
a partir da pesquisa bibliográfica**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Música da Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e
Comunicação, como requisito parcial para
a obtenção do grau de licenciado em
Música.

Aprovado em: 25 / 03 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Klesia Garcia Andrade (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba

Prof^ª. Dra. Cristiane Maria Galdino de Almeida (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Ma. Anaide Maria Alves da Paz (Examinadora Externa)
Instituto Federal do Sertão Pernambucano - Campus Floresta.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, por iluminar meu caminho e me ajudar a ultrapassar os obstáculos ao longo da trajetória acadêmica.

A minha família de uma forma geral, principalmente à minha mãe Ivanize Ferreira, pelo o incentivo, cuidado e amor comigo durante toda a minha trajetória. A minha irmã Ketri por sempre acreditar em mim, aos meus sogros Jeane e Pedro, pelo cuidado e orações.

Ao meu esposo, Pedro Guilherme, por sua paciência e cuidado, sempre me ajudando e compreendendo cada momento.

A Prof^ª. Dra. Klesia Garcia, minha orientadora, pela sua orientação, sempre muito atenciosa e cuidadosa, de uma competência incrível.

Aos professores do Departamento de Música da UFPE e os que passaram como professores substitutos, cada um teve sua parcela de contribuição na minha formação.

Aos amigos que fiz durante a graduação, porque com a companhia e suporte deles, foi menos difícil concluir a graduação.

A todos os professores que passaram na minha vida e contribuíram de alguma forma para que eu pudesse entrar na universidade, em especial, a Joselânia Gomes por ter sido a pessoa que me inseriu nesse mundo da música quando ainda era uma criança. E a Jeremias Araújo pelos conselhos e incentivo a prestar o vestibular, mesmo quando eu não acreditava que seria possível.

Ao Centro de Educação Musical de Olinda (CEMO) e a todos os professores que contribuíram na minha preparação para chegar até a universidade.

Aos meus amigos, por sempre torcerem e acreditarem em mim, minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir como o ensino da música influencia no desenvolvimento cognitivo do bebê e da criança de até cinco anos de idade. Para tal foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que considerou discussões da área de educação musical e autores de referência no assunto. São discutidas as características do termo cognição e o desenvolvimento na fase pré-escolar. São elencadas algumas diretrizes metodológicas para o trabalho de educação musical e a sua importância na primeira infância, bem como as maneiras pelas quais as atividades musicais estão relacionadas ao desenvolvimento cognitivo infantil. A partir dessa pesquisa foi possível levantar reflexões sobre a importância da música na vida do ser humano nos seus primeiros anos de vida, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e formação como um todo.

Palavras-chave: educação musical; desenvolvimento cognitivo; primeira infância.

ABSTRACT

The present work aims to discuss how teaching music influences the cognitive development of babies and children up to five years of age. To this end, a bibliographical research was carried out, which considered discussions in the area of music education and reference authors on the subject. The characteristics of the term cognition and development in the preschool phase are discussed. Some methodological guidelines for musical education work and their importance in early childhood are listed, as well as the ways in which musical activities are related to children's cognitive development. From this research it was possible to raise reflections on the importance of music in the lives of human beings in their first years of life, contributing to cognitive development and training as a whole.

Keywords: music education; cognitive development; early childhood.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	11
2.1	O TERMO COGNIÇÃO	11
2.2	O DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ E DA CRIANÇA NA FASE PRÉ-ESCOLAR	12
2.3	DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL	16
3	EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL	19
3.1	PROPOSTA DE EDUCAÇÃO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA	19
3.2	PONDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVO-MUSICAIS NA PRIMEIRA INFÂNCIA	22
3.3	DESENVOLVIMENTO COGNITIVO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a relação entre a educação musical e o desenvolvimento cognitivo do bebê e da criança de até cinco anos de idade. Através da pesquisa bibliográfica, são apresentadas ideias e proposições de autores de referência da área de educação musical.

A motivação para desenvolver um estudo a partir desse tema surgiu a partir de uma conversa com o professor da disciplina de Metodologia do Ensino da Música III, do curso de Licenciatura em música da UFPE. O professor propôs algumas discussões sobre os métodos ativos utilizados na educação musical, e durante as discussões pude fazer relações entre outras áreas de estudo. Com isso, comecei a pesquisar como a música pode ajudar no desenvolvimento da criança de uma forma geral, mas conforme realizava as leituras, notei que sempre o desenvolvimento cognitivo era o mais citado e por essa razão achei de grande importância estudar sobre esse assunto.

A relação entre música e desenvolvimento cognitivo infantil está presente na vida das crianças, mesmo que as pessoas não notem. É normal as pessoas colocarem as crianças para escutarem música e mesmo sem intenção essa atividade estimula o desenvolvimento de diversas habilidades da criança, ou colocar a criança para fazer aulas de música. Podemos notar que quanto mais cedo a criança tem contato com a música mais rápido ela vai desenvolvendo diversas áreas e uma delas é a da cognição. Por essa razão, é importante existir um estudo que ajude a entender melhor como é esse funcionamento.

Academicamente, observamos lacunas de estudo sobre música e o desenvolvimento cognitivo infantil, no âmbito das produções investigadas, se comparado com outros temas da educação musical infantil.

Quando partimos para o âmbito social, as discussões sobre música e desenvolvimento cognitivo infantil sinalizam outras áreas a serem estimuladas. O Guia Prático de Musicalização Infantil (Brasil, 2021, p. 22) explica que "(...) podemos dizer que a importância da musicalização na primeira infância consiste não somente na aquisição como também na ampliação de determinadas habilidades sensoriais, motoras, cognitivas e emocionais, bem como sociais e linguísticas, relacionadas com o universo sonoro que nos cerca."

Além desse fato, para um ensino de música adequado, visando o pleno desenvolvimento da criança é necessário ter um conhecimento de como funciona o desenvolvimento cognitivo na faixa etária do pré-escolar. Alguns autores formularam propostas de como podemos trabalhar o desenvolvimento cognitivo infantil através da música, assim como qual a relação desse desenvolvimento com o fazer musical. Nessa direção, esse estudo tem como objetivo geral compreender a relação entre educação musical e cognição no desenvolvimento do bebê e da criança de até 5 anos de idade.

Conforme mencionamos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. No processo de seleção da bibliografia que seria analisada, foram utilizados os termos música e desenvolvimento cognitivo infantil. Nesse processo foram selecionados artigos no âmbito da Revista e dos Anais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), além de outras fontes, tais como, livros de autores de referência da área.

Com vistas ao cumprimento do objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar as características das práticas musicais para o desenvolvimento do bebê e da criança de até cinco anos de idade;
2. Entender a relação entre música e cognição através das fontes bibliográficas analisadas;
3. Identificar as contribuições da educação musical no processo de desenvolvimento do bebê e da criança de até cinco anos.

Buscamos entender o que os autores entendem sobre música e desenvolvimento cognitivo. Desde o início, nossa intenção foi de compreender a relação entre música e desenvolvimento cognitivo – adequando o tempo para a realização desse estudo – mas ciente de que não seria possível ampliar a pesquisa para outras publicações da área.

Por isso, foram selecionadas publicações significativas para a área de Educação Musical: Brito (2003), Ilari (2002), Parizzi (2006) e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998); fontes e autores que discutem sobre a relação da música e do desenvolvimento cognitivo. Na etapa seguinte incluímos as ideias de outros autores que colaboraram para a ampliação da compreensão: Cavicchia (2010), Pinho (2010), Gonçalves (2013), Ferrari (2014),

Schirmann *et al.* (2019) e Carneiro (2019); autores que abordam o desenvolvimento infantil de forma mais ampla. Os dados da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) contribuíram para o delineamento das idades do bebê e da criança pequena. Os trabalhos de Vilarino e Ruas (2019), Feller *et al.* (2017), Vale (2023), Campanharo e Galon (2023), ampliaram as discussões sobre a formação continuada do professor que atua com essa idade específica. Para melhor compreensão sobre o lúdico e o brincar no ensino, trouxemos Gumiere e Treviso (2016), Pereira *et al.* (2020), Nogueira (2008), Ciszewski (2010). Por fim, as discussões de Koslinski *et al.* (2022) abordam os aspectos do desenvolvimento infantil e o ambiente familiar.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: nesta primeira seção temos a justificativa, motivação, metodologia e estrutura do trabalho. A seção dois discute, a partir da bibliografia selecionada, o significado do termo cognição, como é o desenvolvimento do bebê e da criança e como geralmente ocorre o seu desenvolvimento cognitivo. Na seção três apresentamos maneiras de como a música pode ser abordada na educação infantil, a importância da presença da música na primeira infância e como atividades musicais ajudam no desenvolvimento cognitivo do bebê e da criança. Na seção quatro concluímos o trabalho recapitulando as principais discussões e apontando possibilidades para outros estudos a partir do tema.

2 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

2.1 O TERMO COGNIÇÃO

Antes de discutirmos o desenvolvimento cognitivo infantil, precisamos explicar acerca dos significados do termo cognição. De acordo com o Dicionário Online de Português¹ (DICIO), cognição significa “Aquisição de conhecimento; capacidade de discernir, de assimilar esse conhecimento; percepção.” Com base nessa explicação, podemos entender que o termo cognição diz respeito à formação de conhecimento no âmbito da atividade mental. Assim como, observamos que é a partir do processo cognitivo que os seres humanos podem desenvolver suas capacidades intelectuais e emocionais.

Ilari (Ilari, 2010 apud Gonçalves, 2013, p. 33) explica que “o termo cognição, tem suas raízes no latim cogitare, que significa pensar, e possui relação direta com as atividades conceituais do cérebro e suas formulações verbais”. É através do desenvolvimento cognitivo, por exemplo, que desenvolvemos as nossas habilidades comunicativas, de formulação verbal por meio do uso de palavras. Parizzi (2005) discute possibilidades diferentes sobre cognição, para ela existe o lógico científico, mas o criativo e artístico tem uma grande relação com a cognição. Para Brito (2003), a cognição está relacionada aos aspectos básicos, tais como, a aprendizagem do próprio nome. A autora relaciona a cognição com a capacidade de compreensão e raciocínio.

A partir de tais ideias, entendemos a cognição como um processo que relaciona aprendizagem e conhecimento, incluindo comportamentos, processos de recepção e elaboração de informações. Além disso, estão incluídos os aspectos emocional e criativo. Vale ressaltar que a cognição é algo natural do ser humano, mas para que todas as funções sejam aprimoradas, é necessário que haja estímulos.

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cognicao/>. Acesso em: 16 fev, 2023.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ E DA CRIANÇA NA FASE PRÉ-ESCOLAR

As discussões apresentadas no RCNEI (Brasil, 1998, p.21) nos mostram que a faixa etária dos bebês abrange do nascimento até os seus dois anos; as crianças pequenas são aquelas que possuem até cinco anos de idade. Podemos notar essa divisão pela maneira que abordam as atividades para cada faixa etária. Quando lemos os dados da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017, p. 44) notamos que a sua divisão é mais detalhada em relação às faixas etárias na primeira infância. São divididos em três grupos, essa divisão ocorre pelas características do desenvolvimento na primeira infância. É considerado bebê do nascimento a 1 ano e 6 meses; crianças bem pequenas de 1 ano e 6 meses a 3 anos e 11 meses; por fim, crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses. Essas informações contribuem para situarmos a faixa etária dos bebês e das crianças pequenas. De acordo com tais referências vamos abordar a divisão da seguinte maneira: bebês, do nascimento até os dois anos; crianças, de dois aos cinco anos de idade.

Conforme o Ministério da Saúde² o bebê é um ser pequeno e frágil, requer uma constante atenção que garanta o seu desenvolvimento, dependendo exclusivamente dos cuidados dos adultos. A partir dos dois anos, fase de grande desenvolvimento, ficam evidentes alguns marcos de desenvolvimento que evidenciam as habilidades conquistadas como, por exemplo, no âmbito sensório-motor e emocional.

A infância é marcada por etapas com muitas mudanças físicas, emocionais, relacionais e cognitivas. Em cada período da infância, a criança manifesta diferentes formas de agir e pensar, por essa razão é importante conhecermos sobre o desenvolvimento infantil. O desenvolvimento é o processo que adquire novas funções, o ato de se desenvolver resulta na ação de estar pronto para o próximo passo ou etapa, é uma complexa interação entre o amadurecimento e a aprendizagem.

O processo de desenvolvimento tem, pelo menos, duas características: a biológica, que é onde tem o processo de crescimento que é próprio da espécie humana; e o ambiental, que é através das experiências que a criança vivencia e das oportunidades de desfrutar da sua capacidade.

² Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia>. Acesso em: 16 fev, 2023.

O desenvolvimento infantil é um processo único para cada criança, mas ordenado em períodos sequenciais. Além disso, existem influências que podem interferir no desenvolvimento infantil como, por exemplo, os aspectos socioculturais e de interações onde a criança vive e cresce, entre outros.

Dentre as diversas abordagens do desenvolvimento infantil, consideramos as ideias de Jean Piaget (1896 - 1980) significativas, devido ao seu caráter didático em organizar etapas que incluem a evolução da capacidade cognitiva do ser humano ao longo do seu crescimento com ênfase na infância e na adolescência. Piaget buscou apreender o mecanismo mental de assimilação de conhecimentos e a sua acomodação a uma situação nova. Para Piaget,

O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é compatível ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável – caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos -, direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior (Piaget, 1983, p. 11).

Nessa direção, o processo de estrutura mental é o resultado de um equilíbrio progressivo, ou seja, o desenvolvimento é uma construção contínua, assim como um edifício, à medida que vai crescendo vai ficando mais sólido.

Piaget organiza o desenvolvimento infantil em quatro etapas ou estágios: Sensório-Motor (do nascimento até os dois anos), Pré-Operatório ou Simbólico (dois a cinco anos), Operacional Concreto (seis a 11/12 anos) e Operações Formais (11/12 até a vida adulta). Cada estágio do desenvolvimento prepara a criança para o seguinte, de forma que o processo ocorrido no estágio anterior constitui pré-condições para a próxima. Cada um deles é caracterizado pelo que a criança consegue fazer de melhor nessas faixas etárias. Tendo em vista que este trabalho volta-se para a primeira infância, apresentamos, a seguir, apenas os dois primeiros estágios, ou seja, o estágio Sensório-Motor (do nascimento até os dois anos) e o Pré-Operatório ou Simbólico (dois a cinco anos). Vale ressaltar que todas as pessoas passam por todos os estágios ou períodos na mesma ordem, o que modifica de uma pessoa para outra é o início e o término de cada uma delas, porque

cada pessoa tem características biológicas, educacionais e sociais diferentes, e isso influencia no desenvolvimento de cada fase.

O estágio sensório-motor (do nascimento até dois anos de idade) é a fase que o campo da inteligência da criança se aplica a situações e ações precisas. Refere-se ao período em que o desenvolvimento da criança se baseia nas percepções sensoriais e em esquemas motores, tendo relação de ordem entre as ações. Além disso, é o período da diferenciação entre os objetos e o próprio corpo.

Piaget (1971, apud Ferrari, 2014) comenta que existem subestágios que ajudam a compreender como o bebê se desenvolve:

Subestágio 1 (0 a 1 1/2 mês): o recém-nascido possui esquemas de reflexos como giro involuntário da cabeça, sucção, movimentos de agarrar e olhar. Subestágio 2 (1/2 a 4 meses): surgem as reações circulares primárias e há a repetição de reações agradáveis. Subestágio 3 (4 a 8 meses): já se inscrevem as reações circulares secundária, e começa a existir uma consciência ampliada dos efeitos das próprias ações sobre o ambiente. Subestágio 4 (8 a 12 meses): ocorre a coordenação das reações circulares secundárias e o bebê realiza combinação de esquemas para atingir um efeito desejado. Subestágio 5 (12 a 18 meses): é o início das reações circulares terciárias em que é possível à criança variar deliberadamente os meios de resolução de problemas e também experimentar consequências. Subestágio 6 (18 a 24 meses): surge a representação simbólica e as imagens e palavras passam a representar objetos familiares e a possibilidade de invenção de novos meios de resolução de problemas através de combinações simbólicas. (Piaget, 1971 *apud* Ferrari, 2014, p. 18).

No estágio sensório motor, podemos notar que o bebê vai alcançando o entendimento aos poucos e que cada subestágio é importante no seu desenvolvimento. Nesse momento, o bebê vai desenvolvendo seu primeiro contato com o mundo e consigo.

O estágio seguinte, Pré-Operatório ou Simbólico (crianças de dois a cinco anos) é a fase em que a criança reproduz imagens mentais, onde a imaginação é sua maior aliada, permitindo à criança personificar objetos em brincadeiras e também a criação dos diversos “faz de conta”. As crianças usam um pensamento intuitivo que se expressa numa linguagem comunicativa egocêntrica, porque o pensamento delas ainda está centrado em si. Outra característica é que nesse período ocorre a fase dos “porquês”, pois existe muita curiosidade sobre o mundo, e como as coisas funcionam.

O estudo de Jean Piaget mostra que as fases do desenvolvimento infantil são de extrema importância e podem ser muito enriquecidas com atividades que estimulem a criança em cada fase. Podemos notar que a medida que a criança vai passando de um estágio para o outro ela vai interagindo com o mundo ao seu redor e isso faz com que elas adicionem novos conhecimentos, assim como, podem se basear no que já conhecem e fazer adaptações das ideias anteriores.

De acordo com o RCNEI (1998), é importante que o adulto entenda a importância das atividades com movimento para que o corpo da criança possa ir desenvolvendo aos poucos cada habilidade, mas vale ressaltar que quanto menor a criança mais ela precisa de atenção e ajuda para a realização das atividades.

Quanto menor a criança, mais ela precisa de adultos que interpretem o significado de seus movimentos e expressões, auxiliando-a na satisfação de suas necessidades. À medida que a criança cresce, o desenvolvimento de novas capacidades possibilita que ela atue de maneira cada vez mais independente sobre o mundo à sua volta, ganhando maior autonomia em relação aos adultos. (Brasil, 1998, p.18).

Além disso, é necessário que exista uma compreensão em relação ao comportamento das crianças nas atividades. O movimento e a exploração do espaço, entre outros comportamentos, são característicos do desenvolvimento infantil:

Nesse sentido, é importante que o trabalho incorpore a expressividade e a mobilidade próprias às crianças. Assim, um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, mas sim um grupo em que os vários elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades propostas. Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, e sim como uma manifestação natural das crianças. (Brasil, 1998, p.19).

O RCNEI ainda ressaltava que é importante que exista uma organização nas atividades que serão oferecidas para as crianças, respeitando as diferentes capacidades, faixa etária e cultura. Para os bebês até dois anos alguns procedimentos que podem ajudar no desenvolvimento são:

Quanto menor a criança, maior é a responsabilidade do adulto de lhe proporcionar experiências posturais e motoras variadas. Para isso, ele deve modificar as posições das crianças quando sentadas ou deitadas; observar os bebês para descobrir em que posições ficam mais ou menos confortáveis; tocar, acalantar e massagear frequentemente os bebês para que eles possam perceber partes do corpo que não alcançam sozinhos. (Brasil, 1998, p.35).

O adulto tem a responsabilidade de proporcionar aos bebês a descoberta e a exploração. Além da descoberta do corpo, é importante que os bebês tenham contato com materiais diversos como bolas, túneis de pano, objetos pendurados, entre outros, para que a criança possa desenvolver suas habilidades sensório-motoras. Já as crianças de dois aos três anos o RCNEI (1998) afirma que “É importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades como lutar, dançar, subir e descer de árvores ou obstáculos, jogar bola, rodar bambolê etc.”, isso nos mostra que já existe um trabalho de movimentação maior e que isso ajuda a criança a desenvolver as capacidades corporais, assim como a se relacionar com os outros.

2.3 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL

O desenvolvimento infantil deve ser acompanhado por todos que cercam a criança. Existem diversos eixos desse desenvolvimento como, por exemplo, o da motricidade, linguagem, interação social, da afetividade e do adaptativo e cognitivo, sendo que o nosso estudo volta-se para os aspectos da cognição, apenas. Vale ressaltar que estudar o desenvolvimento requer observar as características mais relevantes em cada faixa etária e entender a individualidade de cada pessoa.

Como citado anteriormente, Piaget traz como cada fase se desenvolve e o que é mais forte em cada uma das faixas etárias. No seu estudo busca entender o mecanismo de funcionamento de cada idade. Através desse entendimento, podemos pensar em práticas musicais considerando as especificidades de cada grupo etário.

Examinando os estudos, podemos observar que uma das experiências que mais faz parte da vida infantil é a brincadeira. Independente da idade, a criança

brinca de diversas formas, e esses tipos de atividade são uma das formas que ajuda a criança a desenvolver a sua cognição De acordo com Gumieri e Treviso (2016):

(...) o brincar representa uma das atividades mais importantes que a criança executa em sua infância. Uma vez que, por meio da simplicidade e espontaneidade com que esta criança organiza suas ações durante a brincadeira, torna-se possível, interiormente, estabelecer, aprimorar e desenvolver estruturas cognitivas, físicas, afetivas e sociais sem as quais seu desenvolvimento estaria parcialmente comprometido. (Gumieri e Treviso, 2016, p.72).

Assim, parte do princípio que as brincadeiras ajudam a criança a explorar e criar. A privação de experiências dessa natureza pode levar a um desenvolvimento mais lento da criança. O Instituto NeuroSaber³ indica algumas brincadeiras que podem ajudar no desenvolvimento cognitivo na primeira infância são:

- Massinha – ajuda a desenvolver fortalecimento dos músculos das mãos e dedos, assim como, desenvolve as habilidades motoras e criatividade.
- Desenho e pintura – estimulam a percepção sensorial e ajuda as crianças a aprenderem sobre as cores.
- Jogos de quebra-cabeça – estimula o raciocínio lógico, porque eles terão que tentar encaixar as peças.
- Adivinhação – estimula à criatividade, esse tipo de brincadeira faz com que a criança pense e tente adivinhar.
- Mímica – esse tipo de brincadeira vai fazer com que a criança estimule o seu cérebro a pensar mais rápido para descobrir o que está sendo feito.

Outro ponto a ser levantado, além das brincadeiras, é a questão familiar. Estudos mostram que o ambiente familiar tem um papel extremamente importante no desenvolvimento da criança. Isso significa que se a criança vive em um ambiente com violência, que os pais tenham alguma deficiência mental sem acompanhamento, entre outras questões, se o ambiente for considerado inadequado, isso irá refletir no desenvolvimento da criança, resultando na possibilidade de atraso no desenvolvimento.

³ Disponível em:

<https://institutoneurosaber.com.br/brincadeiras-que-potencializam-o-desenvolvimento-infantil/>. Acesso em: 18 fev, 2023.

A família é o primeiro grupo social onde toda criança está inserida. Sendo assim, é interessante que seja um ambiente acolhedor e favorável para o seu desenvolvimento. A família precisa ser a mediadora entre a criança e a sociedade, por ser o seu primeiro espaço de socialização. É necessário que no meio familiar a criança tenha rotinas regulares e viva em um ambiente organizado. Além disso, é preciso que os pais estimulem a criança para que o seu desenvolvimento seja completo. Esse estímulo pode ser através das brincadeiras e jogos, conforme mencionado anteriormente. Vale salientar, que a família deve sempre observar qual a fase de desenvolvimento que a criança está e sempre estimulá-la para algo novo.

3 EDUCAÇÃO MUSICAL INFANTIL

3.1 PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Independente do contexto de ensino e aprendizagem na primeira infância – na educação básica, em projetos sociais ou em aulas de musicalização nas escolas especializadas de música (públicas ou privadas) –, o aspecto lúdico e o ato de aprender brincando e explorando são elementos essenciais para qualquer proposta educativa, incluindo o campo da educação musical. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular,

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (Brasil, 2018, p. 37)

O Guia Prático de Musicalização Infantil (Brasil, 2021) traz que na primeira infância os bebês e as crianças possuem capacidades de aprendizado e retenção de conteúdo. É nessa fase que começam a desenvolver o gosto musical, o lado criativo, entre outros aspectos. Com isso, é importante que os educadores saibam como abordar a música para esse público.

O processo de musicalização na primeira infância deve sempre buscar inserir a música de uma forma lúdica, primeiro para atrair a atenção da criança e segundo porque a criança aprende brincando. Também é importante que o educador saiba escolher o tipo de música mais adequado para cada faixa etária. De acordo com Ilari (2002, p.84), nos dois primeiros anos de vida, as canções de ninar e de brincar são, em geral, bem significativas, pois despertam os movimentos corporais, percepção auditiva, estimula a calma, entre outras questões. Já por volta dos dois anos, pode-se inserir as parlendas ou as músicas que as crianças vão sugerir, como afirma Brito (2003, p.94).

A escolha do repertório deve ser sempre feita com bastante atenção, as músicas apresentadas devem ser escolhidas de acordo com atividade que será proposta. Ilari (2002) afirma que,

O educador musical deve selecionar o repertório musical de acordo com a finalidade da atividade musical. Quando o objetivo é aprender a cantar, canções simples são possivelmente mais apropriadas, mas se o objetivo for uma escuta passiva ou, por exemplo, alguma atividade que vise ao aprendizado da manutenção do andamento, canções e peças de vários estilos podem ser utilizadas, sempre observando a reação dos bebês e de seus pais. (Ilari, 2022, p.88).

Um bom exemplo que podemos citar é se a música escolhida for para as crianças cantarem. É importante que a escolha do repertório seja algo possível das crianças executarem, pois como afirma Brito (2003, p.94) "(...) a escolha do repertório de canções deve privilegiar a adequação da melodia, do ritmo, da letra e da extensão vocal, ou seja, a tessitura." Com base nisso, vemos como é necessário o cuidado com a escolha do repertório, respeitando a extensão vocal da criança.

Sobre o trabalho com canções, ressaltamos que o canto não deve ser apenas trabalhado com as crianças maiores, mas deve ser feito desde quando são bebês. Parizzi (2006, p.41) explica como o bebê consegue, aos poucos, desenvolver o canto. No início são apenas explorações vogais, o balbuciar característico do bebê, chamado por Parizzi de sons eufônicos. Após alguns meses a exploração vocal passa a incluir, também, algumas consoantes e na sequência, começam a produzir e a utilizar sílabas. Esse comportamento revela um material sonoro passível de ser incorporado na musicalização de bebês. A autora sugere que o professor repita os sons feitos pelos bebês e ir acrescentando outros para que ele possa ir escutando e aos poucos desenvolvendo o canto.

Ilari afirma (2002 p. 88) que é importante que a pessoa que irá apresentar a música para os bebês ou para as crianças, observe o volume que a música vai ser tocada, para que isso não atinja a audição do bebê e da criança de forma negativa, causando algum dano ou perda gradativa da audição.

Outras formas de musicalizar os bebês e as crianças são através dos jogos e instrumentos musicais, como afirma Brito (2003). Jogos onde use movimentos, já que na primeira infância eles estão descobrindo muito sobre o seu corpo e o que são capazes de fazer. Jogos de improvisação assim irão desenvolver ainda mais a criatividade deles. Em relação ao uso dos instrumentos musicais, pode ser, por exemplo, flauta doce, xilofones, tambores, chocalhos, etc. E no uso dos instrumentos, o educador não necessariamente necessita ter diversos instrumentos,

porque ele pode confeccionar com os alunos os instrumentos, tais como, maracas, pau de chuva, tambores, etc.

Brito (2003) sugere outras atividades que podem ser utilizadas na educação musical na primeira infância, como a sonorização de histórias. O professor pode ir contando histórias simples ou bastante conhecidas para que eles reproduzam os sons da história, nessa atividade pode-se até ser usados os instrumentos que eles construíram.

O professor pode, também, começar a trabalhar com crianças de três anos o conceito de registro de partitura, não precisa utilizar a notação musical tradicional, mas pode explorar sinais que mostram o movimento sonoro. Brito explica que (2003):

A notação musical tradicional, que registra na pauta de cinco linhas as alturas e durações dos sons, procura grafar com precisão os sons da composição. Nem sempre foi assim: em sua origem, os sinais apenas sugeriam o movimento sonoro, ao passo que no século XX passaram a ser utilizados novamente notações imprecisas, nas quais sinais gráficos (pontos, linhas, manchas) sugerem o gesto, o impulso sonoro, numa concepção estética aberta, em que o intérprete é coautor, participante da composição musical. (Brito, 2003, p.177).

O professor pode trabalhar explorando a grafia do som e essa atividade pode trazer uma conscientização sobre duração, altura e intensidade, assim como trabalhar a percepção auditiva, pois a criança será estimulada a prestar atenção no que está sendo tocado ou cantado.

Nessa perspectiva, citamos as ideias de Ciszewsk (2010) que enfatiza a exploração da grafia musical não tradicional com crianças pequenas. Para fazer esses registros, a autora sugere alguns caminhos pedagógicos. Antes do trabalho de registro gráfico, podem ser exploradas as vivências dos elementos musicais através das sensações físicas. Um bom exemplo é o uso da voz, para que eles entendam a duração, a altura e a intensidade de cada som. Outra atividade sugerida é, após a compreensão da duração, altura e intensidade, propor que os alunos façam o movimento do som com o corpo:

Desenhar com o dedo, traçando linhas imaginárias no ar, representações para sons cantados pelas crianças: sons curtos, longos, ou que caminham ascendente ou descendente, isto é, que vão do grave para o agudo ou do agudo para o grave,

respectivamente. Esse exercício pode ser feito corporalmente também, desenhando a direção dos sons cantados com o corpo todo. Por exemplo: no movimento ascendente, as crianças podem ir levantando o corpo de acordo com o som, e, no descendente, abaixando se até o chão. (Ciszevsk, 2010, p.29).

Ciszevsk (2010) propõe que após a criança ter participado dessa exploração, é o momento que o professor pode apresentar as fichas com os símbolos que representam cada elemento sonoro, sendo que os símbolos podem ser escolhidos pelo professor. Essas fichas podem ser utilizadas de várias maneiras: os alunos podem escolher uma das fichas e executar as ideias sonoras com instrumentos; podem ser usadas em ditados para que escrevam da forma que faça sentido; ou, como um “jogo de adivinhação”. Após a criança ter entendido como funcionam as fichas e o que significa cada símbolo contido nelas, o educador pode sugerir que os alunos organizem os seus registros gráficos. A última sugestão da autora, é que os alunos sejam incentivados a criarem seus próprios símbolos. Com essa discussão, podemos notar que a escrita musical pode ser abordada com crianças pequenas.

3.2 PONDERAÇÕES SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVO-MUSICAIS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A música tem um papel fundamental na sociedade e principalmente na educação infantil. A música na educação infantil traz um processo de conhecimento e desenvolvimento em diversas áreas da criança, como: psicomotor, sócio afetivo, cognitivo e linguístico. Por essa razão, a necessidade de implementação e sistematização de práticas educativo-musicais no contexto da educação básica. De acordo com Fernandes e colaboradores (2016),

A presença da música na educação infantil dos alunos é de fundamental importância, pois a mesma contribui para o enriquecimento do ensino. Neste contexto, visa através do fazer musical desenvolver nas crianças, a sensibilidade, a percepção, a observação, a criatividade e a auto-estima. (Fernandes et al.,2016, p.2).

Uma prática musical adequada e contextualizada, no contexto escolar, pode contribuir para o processo de construção do conhecimento e favorecer o

desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, memória, imaginação, concentração, socialização, consciência corporal e motora, afetividade e respeito ao próximo.

Com relação à ampliação da vivência estética, Ilari (2002) ressalta que professores façam uso de músicas com diversidade rítmica, melódica, com timbres e estruturas contrastantes. Se observarmos a música está no universo das crianças desde o útero até o seu nascimento e ao longo de todo o seu desenvolvimento seja nas brincadeiras, nos filmes e desenhos, para disciplinar ou criar rotinas, como comenta Brito (2003, p.51) “(...) como suporte para a aquisição de conhecimentos gerais, para a formação de hábitos e atitudes, disciplina, condicionamento da rotina, comemorações de datas diversas etc.”

Ainda de acordo com Brito (2003) a música está no cotidiano da criança tanto dentro, como fora da escola, entretanto, muitas vezes o seu ensino está relacionado à aprendizagem de comportamentos, ou como suporte para outros conhecimentos, sendo a repetição e a imitação a prática mais recorrente.

O estudo de Campanharo e Galon (2023) revela a concepção de algumas professoras acerca do uso da música com os bebês e crianças. Na pesquisa as autoras buscaram entender a visão das professoras sobre o uso da música para a educação e foi notado que a música é vista como um suporte complementar e não como um conteúdo específico a ser trabalhado.

Campanharo e Galon (2023) identificam que, para as professoras que participaram do estudo, a música servia como uma ferramenta para alcançar outros fins como, por exemplo, acalmar as crianças, no horário do recreio, para a aprendizagem de outros conteúdos, etc. Tais dados revelam uma desvalorização do conhecimento musical no currículo das escolas. Campanharo e Galon (2023) afirmam, ainda, que,

É fundamental enfatizar que uma visão utilitarista da música pode restringir seu potencial educacional e subestimar sua natureza intrínseca como uma forma de expressão, criatividade e reflexão cultural. A música não deve ser reduzida a uma função meramente utilitária, mas sim apreciada por suas diversas dimensões, que incluem o desenvolvimento estético e social dos alunos. (Campanharo; Galon, 2023, p.6).

Embora a formação nos cursos de Pedagogia, no Brasil, apresentam lacunas na formação docente no que concerne aos conteúdos e práticas pedagógicas musicais (Campanharo e Galon, 2023, p.7), é necessário repensar as abordagens evidenciando o protagonismo da música enquanto linguagem artísticas.

Brito (2003) também aborda essa discussão, afirmando que muitos dos professores consideram mais prático, para o entendimento da criança, trabalhar os conteúdos com canções. Infelizmente muitos docentes não têm conhecimentos da linguagem musical e, em vez de proporcionar experiências significativas, tais práticas tendem a esvaziar a experiência artística, impossibilitando o desenvolvimento infantil vinculado ao fazer musical.

Vale (2023) afirma que a formação docente é vista como inacabada, porque vive em constante processo de formação. Segundo a autora, é necessário que os pedagogos busquem ter o estudo da música para que não negligenciem a importância da música na educação infantil. Nesse sentido, torna-se imprescindível a formação continuada dos professores da educação infantil.

(...) é necessário pensar um equilíbrio entre as práticas recorrentes e somar ao trabalho pedagógico do educador as possibilidades de um trabalho efetivamente musical. Seria necessário que as pesquisas alcançassem o ambiente escolar, chegando aos conhecimentos da equipe pedagógica, mas esse representaria apenas um passo. A efetivação das práticas ainda precisa de um longo caminho, que passa pelas concepções sobre a música no nível macro - esferas sociais, políticas, legislativas e curriculares- e a nível micro, das formações inicial e continuada dos pedagogos, da comunidade escolar e do docente. E isso não pode ser pensado a curto prazo. Os currículos prescritos apresentam, muitas vezes em seus textos os conhecimentos musicais e os objetivos que ações pedagógicas devem contemplar. (Vale, 2023, p.4)

O RCNEI (Brasil, 1998, p.47) afirma que "(...) a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói". O Referencial traz que algumas escolas buscam implementar a música, mas ainda encontram dificuldades porque muitos dos professores entendem que a música é apenas um produto que deve ser reproduzido e não conteúdos vinculados a um processo de construção do conhecimento.

Com isso, podemos perceber que os professores, mesmo entendendo que é necessário inserir a música no âmbito escolar, muitas vezes fazem o trabalho

musical de forma equivocada com a intenção apenas de comemorar datas importantes, e estimular comportamentos sociais, entre outros aspectos. Esse tipo de prática não pode ser concebida como educação musical porque não implica na construção de conhecimentos, sendo apenas uma forma de reproduzir algo pré-determinado.

O RCNEI (1998) traz a importância dos jogos musicais, do canto, da exploração de instrumentos e como essas experiências podem ser introduzidas no ambiente escolar, o que trabalhar e como trabalhar com cada faixa etária. Podemos, também, perceber como a música está presente em diversas situações do cotidiano, inclusive é destacado a sua presença na vida diária de alguns povos:

Presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios a cada manifestação musical. Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais. (Brasil, 1998, p.47).

Isso nos mostra que a música ajuda no desenvolvimento infantil, assim como, também colabora para que as crianças entendam sobre as diversas culturas que existem. As atividades musicais podem contribuir para que a criança aprenda a ter contato com o outro e aprenda a fazer parte do grupo:

Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo e musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz-de-conta, esses jogos e brincadeiras são legítimas expressões da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo. (Brasil, 1998, p. 71).

Há possibilidades de a escola ser um meio de intermediação na relação da criança com a cultura, afinal o ambiente escolar é um espaço de trocas culturais. A escola pode ser um contexto de ampliação da apreciação musical e o desenvolvimento de habilidades diversas, tais como, consciência rítmica, criatividade musical e autodisciplina.

3.3 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O processo de musicalização na primeira infância começa de uma forma intuitiva e muito cedo. Como traz o RCNEI,

O ambiente sonoro, assim como a presença da música em diferentes e variadas situações do cotidiano fazem com que os bebês e crianças iniciem seu processo de musicalização de forma intuitiva. Adultos cantam melodias curtas, cantigas de ninar, fazem brincadeiras cantadas, com rimas, parlendas etc., reconhecendo o fascínio que tais jogos exercem. Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem, eles constroem um repertório que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio dos sons. (Brasil, 1998, p. 51).

Esse contato com a música ajuda o bebê e a criança a desenvolver a cognição. Os trabalhos de Brito (2003), Ilari (2002) e Parizzi (2006) discutem o desenvolvimento cognitivo infantil através da música e propõem atividade para serem executadas com bebês e crianças.

De acordo com Ilari (2002) o primeiro contato do bebê com a música antecede ao seu nascimento. O bebê, no ventre da mãe, é capaz de sentir as vibrações internas e ouvir sons externos. Isso só é possível porque o ouvido humano começa a desenvolver-se a partir do 22º dia que foi gerado, sendo possível escutar diferentes sonoridades a partir da 32ª semana. Além disso, Ilari (2002, p.84) enfatiza que "(...) o ambiente acústico uterino não é silencioso como acreditavam muitos, mas, sim, um universo sonoro rico e único, que proporciona ao bebê uma grande mistura de sons externos e internos." Além do som uterino, o bebê consegue ouvir o som externo. A autora afirma que dentre os diversos sons ouvidos pelo feto, a voz materna é a preferida porque normalmente é essa voz que o bebê mais tem contato ao longo da gestação.

Brito (2003) também traz a mesma discussão e acredita que a voz materna é referência de afeto para o bebê:

O envolvimento das crianças com o universo sonoro começa ainda antes do nascimento, pois na fase intrauterina os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo da mãe, como o sangue que flui nas veias, a respiração e a movimentação dos

intestinos. A voz materna também constitui material sonoro especial e referência afetiva para eles. (Brito, 2003, p.35).

No primeiro ano de vida, o bebê é capaz de começar a se comunicar pelo som. Ilari (2002) afirma que o bebê se comunica através dos sons mais agudos que ele pode produzir, isso por serem influenciados pelas músicas que o cercam. Parizzi (2006), por sua vez, afirma que os sons utilizados pelo bebê para se comunicar tem muita relação com os sons musicais. A forma como os adultos se dirigem ao bebê influencia nos sons que ele reproduz na comunicação. Normalmente o adulto fala com o bebê usando a região mais aguda da voz, por essa razão, Parizzi indica que os sons de comunicação produzidos pelos bebês são normalmente mais agudos.

Brito (2003) mostra que essa comunicação do bebê vem com grande influência das músicas que ele tem contato. Para a autora “as cantigas de ninar, as canções de rodas, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons” (Brito, 2003, p.35).

Essa forma de comunicação sonoro-musical favorece o desenvolvimento cognitivo, o processo da fala, assim como, o lado afetivo do bebê. Parizzi (2006) comenta que os educadores podem ajudar o bebê a ter um desenvolvimento maior, incentivando-o a repetir os sons, o que ela chama de jogo vocal.

Quando a criança atinge os dois anos de idade, pode-se começar a incentivar outras formas de exploração da voz. Segundo Brito (2003, p. 89) “devemos brincar com a voz, explorando possibilidades sonoras diversas: imitar vozes de animais, ruídos, o som das vogais e das consoantes (...), entoar movimentos sonoros (do grave para o agudo e vice-versa), pequenos desenhos melódicos etc”.

Parizzi (2006) comenta que nessa faixa etária o canto fica com um som mais longo e organizado. Existem repetições de melodias e ritmos com mais frequência. Nessa direção, observamos que conforme a criança cresce novas habilidades cognitivas à fala vão sendo incorporadas. Ela passa a produzir sons com ideias diferentes e aos poucos isso vai evoluindo. Na fase dos dois anos em diante a criança passa a reproduzir os cantos espontâneos, isto é, melodias ou padrões melódicos criados por eles (Ilari, 2002; Parizzi, 2006).

Quando a criança já está entre os seus três ou quatro anos de idade, ela passa a ter um desenvolvimento melhor no canto. Parizzi (2006) explica que a criança já consegue reproduzir ou imitar canções da sua cultura. Dialogando com a ideia de cultura, Brito (2003) enfatiza que é importante apresentar diferentes tipos de canções, incluindo as que são propriamente do meio infantil como, por exemplo, acalantos, brincos e parlendas. Essas canções podem ser utilizadas pelos educadores já que são consideradas conhecidas pelas crianças desde muito cedo.

A partir dos cinco anos de idade a criança passa a cantar com mais precisão nas aspectos do ritmo e da altura, conseguindo manter um pulso firme e correto, mostrando a noção de tonalidade (Parizzi, 2006). Ilari (2002) compartilha do mesmo pensamento, e acrescenta que a criança consegue ter senso de formação e padrão de improvisação.

Essas propostas são importantes para o trabalho do educador musical, porque ele não estará apenas trabalhando a música, mas também influenciando no desenvolvimento das habilidades cognitivas do bebê e da criança.

Brito (2003) apresenta como os instrumentos musicais são importantes para o trabalho infantil, porque podem ser usados de diversas formas, para vários tipos de atividades, assim como, podem ser confeccionados. A autora considera que esse tipo de trabalho ajuda a criança a construir o entendimento sobre timbre, produção do som, duração de som, escuta, expressão musical além da voz e corpo, etc. Já para Ilari (2002) os instrumentos musicais ajudam o bebê a diferenciar o som, mesmo ele ainda não tendo um conhecimento concreto. O uso dos instrumentos musicais na educação se faz necessário porque ajuda desenvolver áreas como atenção, coordenação motora, percepção espacial e capacidade de ouvir, todas elas estão relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, por isso, o que justifica o contato da criança com os instrumentos musicais.

Conforme as perspectivas apresentadas, cabe ao professor buscar conhecimentos sobre a educação musical e o desenvolvimento cognitivo do bebê e da criança. Nesse processo, devem ser consideradas atividades apropriadas à faixa etária, atentando para as questões socioculturais que podem influenciar a formação do bebê e da criança como um todo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe discussões sobre a relação entre a música e o desenvolvimento cognitivo de bebês e crianças de até cinco anos de idade. A partir da pesquisa bibliográfica buscou-se entender o significado do termo cognição, que aspectos estão relacionados ao desenvolvimento cognitivo infantil e as possibilidades músico-educativas.

A pesquisa revela que o bebê escuta os sons a sua volta desde a gestação. A partir do seu nascimento, as vivências e o fazer musical contextualizado ao seu desenvolvimento cognitivo podem colaborar para a sua formação, além de possibilitar o conhecimento dos elementos da linguagem musical.

De acordo com os autores discutidos, a inserção da música na educação infantil pode exercer um papel de grande importância para o desenvolvimento cognitivo. Por essa razão, é necessário que os professores de educação infantil busquem aprofundamento no conhecimento musical trazendo a linguagem musical, para as aulas, de maneira apropriada e aprofundada. Tendo esse conhecimento, o professor pode trabalhar e possibilitar aos bebês e crianças a ampliação do universo musical.

A educação musical cumpre um papel importante no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo na primeira infância. Mas para que seja implementada de maneira significativa, é necessário que os professores tenham uma formação adequada, acerca do desenvolvimento do bebê e da criança.

O estudo desenvolvido contribui para a compreensão da relação entre cognição e educação musical, trazendo perspectivas que necessitam ser incorporadas em diferentes contextos de ensino de música. Considerando que essa investigação não tem por finalidade esgotar o assunto, outras pesquisas abrangendo o desenvolvimento cognitivo da criança de até cinco anos de idades, como as idades subsequentes, os aspectos na fase adulta ou na velhice, processos cognitivos e pessoas com deficiência, entre outras possibilidades, podem ainda ser desenvolvidas, contribuindo para uma formação ampla e consistente do professor de música.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 8 mar. 2024

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**, v.3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização: guia prático. Musicalização Infantil**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/politica-nacional-de-alfabetizacao-2/biblioteca-da-alfabetizacao>. Acesso em: 11 mar. 2024

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Primeira Infância**. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeira-infancia>. Acesso em: 16 fev. 2024

BRINCADEIRAS que potencializam o desenvolvimento infantil. **Instituto NeuroSaber**, 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/brincadeiras-que-potencializam-o-desenvolvimento-infantil/>. Acesso em: 18 fev, 2023.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. 1 ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CAMPANHARO, Adriana Silveira; GALON, Mariana. Protagonismo Musical na Educação Infantil: reflexões a partir de uma creche no município de Assis. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 26., 2023. **Anais...** Disponível em: <https://abem.mus.br/anais-congresso/v5/>. Acesso em: 13 mar. 2024

CARNEIRO, Francilene Pereira. **A importância da música no desenvolvimento infantil**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2019. Disponível em: <https://dspace.bu.uepb.edu.br/jspui/simple-search?query=FRANCILENE+PEREIRA+CARNEIRO>. Acesso em: 10 jan. 2024

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida**. In: Universidade Estadual Paulista (Unesp), Caderno de Formação: Formação de Professores: Educação Infantil: princípios e fundamentos. São Paulo, 2010. . v. 1. p. 13-27. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>. Acesso em: 9 fev.2024

CISZEWSKI, Wasti Sivério. Notação musical não tradicional: possibilidade de criação e expressão musical na educação infantil. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, setembro de 2010. Disponível em: <https://revistameb.abem.mus.br/meb/article/view/120>. Acesso em: 15 mar. 2024

DICIO. **Cognição**. Dicionário Online de Português. DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cognicao/>. Acesso em: 16 fev. 2024

FELLER, Mônia Kurre; SBAFFI, Edoardo; REIS, Carla Silva. A ludicidade no ensino de piano para crianças: a proposta de uma prática docente e de escolha de repertório. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23., 2017. **Anais...** Disponível em: <https://abem.mus.br/anais-congresso/v2/>. Acesso em: 13 mar. 2024

FERNANDES, Tânia et al. A música na educação infantil. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v. 1, n. 90, 2016. Disponível em: <https://www.semanaacademica.org.br/artigo/musica-na-educacao-infantil>. Acesso em: 6 dez. 2023

FERRARI, Dércio Fernando Moraes. **Desenvolvimento cognitivo**: as implicações das teorias de vygotsky e piaget no processo de ensino aprendizagem. 2014. Monografia (Pós-graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/simple-search?location=%2F&query=D%C3%89RCIO+FERNANDO+MORAES+FERRARI&rpp=10&sort_by=score&order=desc. Acesso em: 9 fev.2024

GONÇALVES, Lílian Sobreira. **Um estudo sobre crenças de autoeficácia de alunos de percepção musical**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/284/discover>. Acesso em: 23 fev. 2024

GUMIERI, Francielly Aparecida; TREVISIO, Vanessa Cristina. A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança: o brincar como ferramenta de aprendizagem na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, v.3, n. 1, p. 66-80, 2016. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/cadernodeeducacao/?pagina=sumario&edicao=40>. Acesso em: 16 mar. 2024

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**, [S. l.], v. 10, n. 7, 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/435>. Acesso em: 7 fev 2024.

KOSLINSKI, Mariane Campelo et al. Ambiente de aprendizagem em casa e o desenvolvimento cognitivo na educação infantil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 43, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.249592>. Acesso em: 12 de mar 2024

NOGUEIRA, Terciana Lima. **A relação entre o brincar e o desenvolvimento cognitivo da criança**. 2008. Monografia (Especialização em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/simple-search?query=TERCIANA+LIMA+NOGUEIRA>. Acesso em: 12 mar 2024

PARIZZI, Maria Betânia. O canto espontâneo da criança de zero a seis anos: dos balbucios às canções transcendentais. **Revista da ABEM**, [S. l.], v. 14, n. 15, 2014. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/300>. Acesso em: 15 fev 2024

PEREIRA, L. et al. Recursos ambientais, tipos de brinquedos e práticas familiares que potencializam o desenvolvimento cognitivo infantil. **CoDAS**, [S. l.], v. 33, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/i/2021.v33n2/>. Acesso em: 12 mar 2024

PINHO, Verônica Rios EufRASINO de. Cognição na infância: comparações entre recentes pesquisas e a teoria de Jean Piaget. **Psicologia.pt**, Manaus, 2010. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0260. Acesso em: 16 fev. 2024

SCHIRMANN, Jeisy Keli et al. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CONEDU, 6., 2019. **Anais...** Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-vi-conedu>. Acesso em: 19 fev. 2024

VALE, Sara P. S. Práticas musicais para a educação infantil: experiências com a formação continuada de professores. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 26., 2023. **Anais...** Disponível em: <https://abem.mus.br/anais-congresso/v5/>. Acesso em: 14 mar. 2024

VILARINHO, Fabiana de Freitas Angulo; RUAS, José Jarbas. Os efeitos da musicalização para o desenvolvimento musical em bebês de zero a dois anos. **Opus**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 357-382, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20504/opus2019c2516>. Acesso em: 16 mar. 2024